

ZINK ZEITGEIST

Ricardo Marques
Universidade Nova de Lisboa

Resenha de *A instalação do medo*, de Rui Zink, Lisboa: Teodolito, 2012.

Los antiguos, cuando hablaban de un poeta – un “hacedor” – no lo consideraban unicamente como el emisor de esas elevadas notas líricas, sino también como narrador de historias. Historias en las que podíamos encontrar todas las voces de la humanidad no sólo el lírico, lo meditativo, la melancolía, sinó también las voces de la corage y de la esperanza.

(BORGES, 2005, p. 61-62)

Comecemos com uma anedota séria, como são todas. Imaginemos que púnhamos Borges, Calvino, Wilde, Alberto Pimenta e uma imensa dose de conhecimento, investigação no terreno e (sobretudo) gozo experimental pela língua portuguesa, tudo no mesmo caldeirão – o que saía era um Rui Zink, um dos “hacedores” vivos mais estimulantes da literatura portuguesa.

Como dissemos numa crítica anterior ao seu livro *O amante é o último a saber* (2011), que infelizmente ainda é mal conhecida a sua carreira literária (nem sequer falamos já da sua faceta de professor universitário na Universidade Nova de Lisboa, onde ensina literatura e ministra cursos de escrita criativa com uma grande procura), por oposição à sua faceta televisiva, advinda dos tempos da *má língua* em pleno *boom* de fachada dos idos anos 1990. É por isso um escritor mais conhecido do que lido, o que nos tempos de hoje também não importa muito no processo de canonização de um autor. Zink é seguido por um respeitável grupo de leitores que o lêem a fundo, e isso é que interessa.

É aqui que quero encontrar a minha citação de início. Vinte e cinco anos depois de *Hotel Lusitano* (1987), Zink pode ser lido de várias formas, dependendo do que nos interessa, e por onde começamos – é que a sua obra abrange um pouco de tudo no domínio narrativo, desde o conto (infantil, inclusive) à novela, passando pelo romance, pelos libretos de óperas, e, se quisermos ser um pouco radicais, pelas traduções de autores anglo-saxónicos, como Saul Bellow.

A instalação do medo é um equilíbrio perfeito dos seus dois últimos livros –

nomeadamente do que narrativamente fez em *O amante...* com o comprometimento social de *Luto pela felicidade dos portugueses* (2012). Estamos perante uma aventura genológica num ponto que designariamos de híbrido, uma súpula de ideias e temas que não são estranhos ao autor e que este foi sabendo apurar, quer do ponto de vista da forma, quer do conteúdo. O motivo agora é um desafio: o medo.

Em última instância, e ainda que possamos apresentar formalmente este objecto como um romance de estrutura simples, quase um conto alegórico com escassas personagens e alguma piscadela de olho ao domínio do fantástico (leiam-se as várias maneiras que se tem de ir crescentemente “instalando o medo”, constituindo o capítulo III, o âmago do livro), é uma obra teatral que podemos falar (ou não fosse maioritariamente um ping-pong constante entre os instaladores do medo) na melhor linha de *O que diz Moler*, ou de *Waiting for Godot* (sem o absurdo, mas muitas vezes roçando) dotada, sobretudo, de uma carga poética intensa e burilada, a começar pelas palavras. Momentos exemplificativos disso mesmo abundam, mas aqui vai apenas um paradigmático, quiçá autobiográfico:

- O medo é pedagógico.
 - É muito interessante.
 - Ajuda a compreender a natureza humana.
 - Ajuda a domesticar os maus instintos.
 - O medo tem o seu quê de experiência científica.
 - Ajuda a compreender melhor o modelo social.
 - É muito interessante.
 - E comovente.
 - Você mete um jovem e um veterano na mesma jaula.
 - O jovem tem medo de não conseguir emprego.
 - O outro de perder o emprego.
 - O jovem sabe que se arrisca a passar a vida a fazer estágios.
 - Mestrados.
 - Estágios.
 - Telemarketing.
 - Inquéritos porta a porta.
 - O de meia-idade sabe que, no dia em que perder o emprego, está feito.
 - Ele não tem nada contra o jovem, mas...
 - O jovem também não tem nada de pessoal contra o de meia-idade, que até podia ser seu pai.
 - Mas...
 - O que quer a senhora?
 - É um mundo cão.
 - Um mundo gato.
 - Um mundo porco.
 - Um mundo rato.
 - [...]
- (ZINK, 2012, p. 109)

Peguem agora na definição de conto alegórico: “Dois homens batem à porta.

'Bom dia, minha senhora, viemos para instalar o medo. E vai ver, é uma categoria'." Assim se define em poucas frases o que se vai passar estruturalmente ao longo do livro. Estas frases permitem também dizer, exemplarmente, muito mais sobre o estilo de Zink: A importação da linguagem do quotidiano (e terminológico) equilibra-se com as citações poéticas de Ricardo Reis e Alexandre O'Neill do livro, sem, no entanto, se anularem. O humor e a ironia, sendo ferramentas essenciais da sua obra, são a ponte que aqui permitem isso. E um tema sério, como este, é desconstruído para a interpretação de todos, com o pressuposto narrativo de uma daquelas visitas forçadas de "técnicos" a quererem "vender" ou "instalar" alguma coisa que não queremos necessariamente, mas que acabamos muitas vezes por comprar. Neste caso, o medo. O fim, surpreendente na sua simplicidade, vale a pena também pelo delírio-deleite estético que deixamos para trás.

Em suma, *A instalação do medo* é um livro muito bom, destinado a ser um clássico. O que o torna essencial, porém, é a sua profundidade nada aparente, a sua rapidez, o seu comprometimento social incisivo e urgente, descaradamente disfarçado.

Uma coisa que nunca escrevi sobre a obra de Rui Zink, até porque talvez seja apenas aqui verdadeiramente pertinente, é a sua capacidade de tornar o quotidiano específico de uma realidade (neste caso, a portuguesa) no quotidiano de qualquer outro lugar, se nos afastarmos e tivermos imaginação suficiente – e aqui já depende de cada um. A isto se poderia chamar "surfear a onda do tempo", mas prefiro dar-lhe outro nome mais erudito e economicamente mais eficaz (*less is much more*): "Zink Zeitgeist". Será também a isso que se deve realmente denominar de um escritor? Tentemos reflectir sobre essa pergunta com uma confissão literária de Borges que, *avant la lettre*, ajuda em muito a perceber quem é este em particular, e onde ele se situa atualmente, cada vez mais:

"Me considero un escritor. Qué significa para mí ser escritor? Significa simplemente ser fiel a mi imaginación. Cuando escribo algo no me planteo como objetivamente verdadero (lo puramente objetivo es una trama de circunstancias y accidentes), sino como verdadero porque es fiel a algo más profundo. Cuando escribo un relato, lo escribo porque creo en él no como uno cree en algo meramente histórico, sino, más bien, como uno cree en un sueño o en un idea (BORGES, 2005, p. 136-137).

REFERÊNCIAS:

BORGES, Jorge Luis, *Arte poética* - seis conferencias. Madri: Critica, 2005.

ZINK, Rui. *Hotel Lusitano*, Lisboa: Europa-América, 1987.

_____. *O amante é o último a saber*. Lisboa: Planeta Editora, 2011.

_____. *A instalação do medo*. Lisboa: Teodolito, 2012.

_____. *Luto pela felicidade dos portugueses*. Lisboa: Planeta Editora, 2012.

MINICURRÍCULO:

Ricardo Marques é Doutor em Estudos Portugueses pela FCSH-UNL. Desenvolve investigação nesta instituição, pertencendo ao IELT, ao IEMo e ao CETAPS. Em cada um destes institutos investiga as relações literárias e culturais anglo-portuguesas, sobretudo no que diz respeito ao Modernismo e à Literatura de Viagem, a Literatura Tradicional, Estudos de Tradução e Estudos Interartes. Desenvolve actividade crítica em revistas de especialidade (*Colóquio-Letras*, por exemplo) sendo também tradutor *freelance* de poesia anglo-saxónica e espanhola. Acaba de sair *Eudaimonia*, o seu primeiro livro de poesia, em edição de autor.